

EDITORIAL

Persistindo em nossa linha editorial de apresentar reflexões que debatam e busquem soluções para os problemas com os quais nos defrontamos no terreno educacional, este número 6 da *Revista de Educação* traz uma radiografia de paradoxos resultantes das contradições vividas nas escolas do país: construção de conhecimento *versus* reprodução de conteúdo; valorização auto-dirigida do aluno adulto *versus* avaliação do aluno centrada no professor; adesão superestimada à tecnologias educacionais *versus* valorização do papel pessoal do professor; estatística com números vazios *versus* estatística de dados com significância social, apenas para citar alguns.

Nessa perspectiva, no primeiro artigo "Ensaio de um novo olhar avaliativo na educação de adultos", Mara Regina Lemes De Sordi ressalta um elenco de propostas para fundamentar o contrato pedagógico, entre educador e educandos adultos, em bases dialógicas e reflexivas, no qual se considera a temática significativa das experiências e das situações vividas no cotidiano - currículo-problemas - em lugar de supervalorizar a memorização de informações - currículo-disciplinas. O sentido ético do conteúdo do saber alcançado e construído, para o adulto, é caixa de ressonância de suas motivações profissionais e sociais. Não é de seu interesse (não tem valor de troca) um diploma alcançado que não tenha eficácia instrumental e política no terreno social (sem valor de uso). Na conjuntura de desemprego crescente que atravessamos, é grave e angustiante a responsabilidade mediadora do educador para auxiliar seus alunos maduros a harmonizar tais valores.

No segundo artigo, o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Continuada - GEPEC, da FE da Unicamp, revendo, em linhas gerais, os programas educativos *marquetados* pelo governo federal, denuncia o pressuposto político de que a solução da miséria educacional está na tecnologização do ensino e no banho de modernidade, passado como verniz às escolas, para ocultar seus verdadeiros problemas, de ordem real, de natureza humana e formativa dos professores. A partir da crítica, o grupo se debruça de modo mais atento à análise do projeto "Raízes e Asas", desenvolvido por um órgão não governamental - o CEMPEC, com apoio ministerial, para revelar os efeitos de sua "aplicação" nas escolas. Efeitos que, em fina ironia, o grupo denomina "Galhos e Penas", que dá título ao artigo, ao ponto de exacerbar a atitude de recepção dos professores. A frustração diante de mais um projeto recebido inicialmente com expectativa mas, logo após, verificado ser infrutífero nas condições atuais de trabalho e salário, leva os professores e professoras à adesão abúlica, ao desânimo nihilista, pois, sentem-se destituídos da condição de agentes do que fazer educativo, enquanto sujeitos da história.

Em "Currículo escolar: o que se lê e o que se vê", um grupo de alunas da FE da PUC-Campinas, sob a orientação da professora Miriam Pascoal, confronta as noções de currículo encontradas em manuais com a prática dos mesmos observada nos estágios em escolas da região. O resultado é alarmante: desconhecimento e conservadorismo são as constantes que reforçam a dicotomia entre o pensar e fazer educação, e ampliam a distância entre a grade de disciplinas mal planejada e o projeto de um currículo ambiente - vital e oculto - responsável pela formação profissional do educador. O artigo apresenta algumas pistas para superação dessa situação.

Em outro artigo, após a retrospectiva da relação sempre conflituosa: universidade x governo, pontuando na história recente seus projetos institucionais - deformação da elite, instrumento para o

desenvolvimento, bastião oposicionista - em busca de seu espaço democrático e representativo dos setores mais populares da sociedade, Dirce D. P. e Zan revela como as pressões exercidas por professores (da Unicamp), estudantes secundaristas (UCES), órgãos de imprensa, sindicatos e entidades de classe tiveram, e ainda têm, um papel relevante no ordenamento democrático para a abertura de cursos noturnos na Unicamp.

Por sua vez, o relato de pesquisa de Clayde Regina Mendes deve interessar não só aos professores da área de Exatas, ligados à Educação Matemática, mas a todos quanto se preocupam em encontrar modos de trabalhar com conteúdo matemático sem a necessidade de reforçar a aridez dos dados numéricos no tratamento didático, podendo interligá-los a referentes sociais, como sugere a pesquisadora. O exemplo apresentado demonstra que é possível coletar, sem muita sofisticação, dados dos próprios alunos em sala de aula para ilustrar técnicas estatísticas, revelando a estreita relação que existe entre esses dados e situações reais.

Apesar dos desmandos políticos e dos problemas sociais - fatores que dificultam a concretização do processo educativo nas escolas - não se pode deixar de perquirir sobre as formas de raciocínio e de desenvolvimento cognitivo de nossos alunos, ainda mais reconhecendo-se a total correspondência de vasos comunicantes entre essas formas individuais de pensar e aqueles fatores sociais, e a vulnerabilidade destas últimas em consequência da hegemonia histórica dos primeiros. Maria Eugênia Castanho e Eliana A. P. Costa completam o rol de artigos desta edição, discorrendo, de modo primoroso, sobre os pressupostos de uma teoria das funções psicológicas superiores de Vygotsky, no âmbito da Teoria da Educação, que relacionam dialeticamente fatores de natureza sócio-cultural e mental.

Enfim, os artigos e também outros escritos presentes nesta edição convidam, todos, à reflexão, ao diálogo crítico com os autores, que colaboraram com sua argumentação nos mais variados enfoques, mas todos comprometidos com o desafio que é ser educador neste país de contrastes.

Aos colaboradores e leitores, nossos agradecimentos.

João Baptista de Almeida Júnior
da Comissão Editorial